

# Clarice Lispector no papel de entrevistadora: a subjetividade em cena

Lívia Pádua Nóbrega & Goiamérico Felício Carneiro dos Santos

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a produção jornalística de entrevistas realizadas pela escritora, tradutora e jornalista Clarice Lispector na imprensa carioca. A atividade jornalística ampara-se em pilares como a imparcialidade, a neutralidade e a objetividade. O gênero entrevista, entretanto, possibilita ao comunicador um diálogo com sua fonte, proporcionando algumas vezes que se percebam os posicionamentos e opiniões do entrevistador perante seu entrevistado. Enquanto ocupou o papel de entrevistadora, Clarice intensificou essa visibilidade do entrevistador no ato de interlocução com sua fonte, possibilitando que as entrevistas que conduziu se convertessem em um meio para se chegar ao pensamento clariceano e tornando passível a sondagem do universo e das impressões de Clarice Lispector por meio de sua produção jornalística realizada no âmbito do gênero entrevista.

**Palavras-chaves:** Comunicação; Entrevista; Imprensa; Jornalismo; Subjetividade.

## Abstract

This article analyzes the production of journalistic interviews conducted by the writer, translator and journalist Clarice Lispector in the Brazilian press. Journalistic activities are sustained on the pillars as impartiality, neutrality and objectivity. The genus interview, however, allows the communicator a dialogue with their source, providing some times they perceive the attitudes and opinions of the interviewer before his interview. While she held the role of interviewer, Clarice intensified the visibility of the interviewer in the act of communication with its source, allowing the interviews that led to turn into a means to get to thinking of her writer and likely probing the universe and the impressions of Clarice Lispector through her journalistic production performed on gender interview.

**Keywords:** Communication; Interview; Press; Journalism; Subjectivity.

## Clarice Lispector e Jornalismo: breve retrospecto

O trabalho de Clarice Lispector como escritora é amplamente (re)conhecido, tanto no Brasil, quanto no exterior, sendo a escritora brasileira mais pesquisada no âmbito acadêmico nacional e internacional, perdendo apenas para Rubem Fonseca, segundo dados da Revista Bravo (Nov/2009, ed. 147). Sua atuação como jornalista, só recentemente começou a ser mais intensamente explorada como objeto passível de pesquisas dentro da academia.

O primeiro contato de Clarice com o jornalismo se deu por ocasião da morte do pai, em 1940, quando contava com 20 anos de idade (Nunes, 2006). Inicia então o trabalho de redatora na *Agência Nacional*, uma agência de notícias oficial do governo, criada por Getúlio Vargas em 1934, durante o Estado Novo e que posteriormente será o Departamento de

Imprensa e Propaganda (DIP). Ali Lourival Fontes, diretor do DIP, lhe arruma emprego (Lispector, 2005: 31).

Posteriormente atua como repórter no jornal *A Noite*, quando era ainda estudante de Direito. Foi uma das primeiras repórteres brasileiras, em uma época em que poucas mulheres trabalhavam fora e as redações eram espaços predominantemente masculinos.

A empresa *A Noite* possuía também a revista semanal *Vamos Ler!*. Foi lá que Clarice publicou os contos *Eu e Jimmy* e *Trecho*. Nesta mesma revista, começa também a fazer entrevistas, função que seria retomada mais tarde na revista *Manchete*, em 1968 e *Fatos e Fotos / Gente*, em 1976.

### **A estreia como entrevistadora: a revista *Vamos Ler!* como experiência**

Para sua estreia como entrevistadora, Clarice escolhe falar com Tasso da Silveira, que havia sido diretor de *Pan*, o semanário em que ela publicou seu primeiro conto, em 1940, intitulado *Triunfo*.

O ato da escolha do entrevistado é um dos pontos reconhecidos como espaço de subjetividade no jornalismo. Clarice endossa essa ideia ao selecionar para sua primeira entrevista alguém de seu convívio. Pode-se perceber mais nitidamente essa relação na apresentação que a entrevistadora faz de seu entrevistado.

Para mim, entrevistar Tasso da Silveira era continuar uma daquelas palestras tão profundas, nas quais eu assistia atenta o poeta resolver os grandes problemas do pensamento. Quando, na redação do *Pan*, sua mesa não estava muito atulhada de papéis e seu cigarro não queimava rápido demais, eu puxava uma cadeira e, assim como quem nada quer, dizia uma palavra, uma simples palavrinha. E em breve discutíamos a gênese do mundo, a significação da arte, a explicação do tempo e da eternidade... Eram problemas para mim, certezas para ele. (Nunes, 2006: 48)

A entrevista é por essência o gênero jornalístico que se abre ao diálogo com os protagonistas dos fatos ao invés de apenas manter a distância com o entrevistado enquanto fonte. “Dentre os formatos jornalísticos que integram o gênero informativo, no âmbito da mídia impressa, a entrevista é o único que reúne a um só tempo interação dialógica e função mediadora”. (Melo, 2003: 129).

A entrevista configura-se então como espaço de interatividade entre quem faz e quem quer saber. Ela elimina a distância entre estes dois pontos, rompendo com a perspectiva de um pensamento hermético e encerrado em si.

Em jornalismo, os outros formatos reforçam o caráter vertical da comunicação, hierarquizando fortemente a separação entre quem faz a mídia e quem a consome. Deste modo, pouco resta aos leitores a não ser identificar-se ou não com as concepções cultivadas pelos produtores da informação. “O eu predomina inteiramente. Praticamente não existe lugar para o nós”, (Melo, 1980: 130).

Já na dinâmica das entrevistas, é inerente o caráter horizontal da comunicação, já que, por mais que a fonte se caracterize como uma autoridade selecionada para discorrer sobre determinado assunto, a perspectiva de diálogo diminui as distâncias do processo comunicativo.

A expressão da opinião no jornalismo remonta no Brasil a raízes históricas com o periódico *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa (Sodré, 1999). Como o jornalista produzia sozinho o jornal na Inglaterra para então enviá-lo ao Brasil, suas opiniões eram o filtro primordial do jornal. Diversos outros jornais editados solitariamente nos primórdios do jornalismo brasileiro passaram pelas mesmas circunstâncias.

A primeira entrevista realizada por Clarice pode ser vista como um espaço de exposição das impressões da entrevistadora. “Era dezembro de 1940. A matéria sai em primeira pessoa, com breve texto de apresentação, expondo peculiaridades do entrevistado a partir do ponto de vista, aparentemente muito pessoal da então repórter”, (Nunes, 2006: 47).

Clarice não mantém distância em relação ao entrevistado. Ela se coloca no texto, apresentando suas impressões e falando do seu comportamento nas redações daquela época. Era então apenas uma jovem que gostava de conversar e que não se sentia retraída. Aliás, ao traçar um perfil do entrevistado, Clarice fala de si mesma e divide com o leitor os problemas para os quais buscava resposta. (...) Na verdade, Clarice Lispector não se posiciona como jornalista ao conversar com seus entrevistados. É sempre Clarice Lispector perguntando e confidenciando também para o leitor fatos de seu cotidiano e assuntos de seu interesse. Ela não se baseia no princípio daquilo que poderia interessar ao leitor, para compor a pauta, tampouco se neutraliza perante o entrevistado. (...) Clarice está sempre presente nos textos de entrevista. O leitor se informa sobre o entrevistado e sobre a entrevistadora, porque as perguntas são feitas a partir do ponto de vista de Clarice, de suas inquietações e da convivência que marca o relacionamento da ficcionista com as pessoas escolhidas para a conversa. (Nunes, 2006: 48)

O jornalista Alberto Dines, que foi editor de Clarice no *Caderno B* do *Jornal do Brasil* nas décadas de 60 e 70 e propiciou sua entrada no tablóide *Diário da Noite* em 1960 (Lispector, 2006) não considera que Clarice possa ser classificada como entrevistadora. “Ela escrevia aquilo de que gostava; seus textos reproduziam o que sua sensibilidade conseguia captar. (...) Era curiosa. Conversava muito no telefone e arrancava as coisas das pessoas” (Nunes, 2006: 49).

Logo em sua primeira entrevista com Tasso da Silveira, Clarice se apresenta de modo informal “Vim lhe fazer algumas perguntas indiscretas: alguns ‘comos’ e ‘por quês’,” (Nunes, 2006: 49). Apesar de mostrar-se de prontidão para entrevistar, ser entrevistada era algo que lhe incomodava. “Gosto de pedir entrevista – sou curiosa. E detesto dar entrevistas, elas me deformam” (Nunes, 2006: 83).

As entrevistas redigidas em forma de perguntas e respostas de forma direta são chamadas em jornalismo de Pingue-Pongue. No caso de Clarice, as perguntas e respostas não são conduzidas de forma tão direta e seca, mas abertas as interferências constantes da entrevistadora que se insere em meio à fala do entrevistado. Após questionar Tasso da Silveira sobre sua relação com a crítica, a jornalista dialoga intimamente com o escritor:

Sorrio, porque me lembro de que eu também quando lhe escrevi minha opinião sobre “Canto absoluto”, empreguei termos poéticos, falei em “manhãs ingênuas”, num “fortíssimo instinto de conservação da alma”, e sei lá mais o quê... A razão disto é que a força poética do livro contagia. (Nunes, 2006: 51)

## **Outras Entrevistas**

A questão da imparcialidade jornalística não se encontra em terreno de concórdia. Assunto controverso e polêmico, foi muitas vezes classificado como o mito romântico do jornalismo, em que a imprensa deveria colocar-se em posição neutra e somente publicar os fatos, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões (Rossi, 1980). Para o autor, fatores como o *background* do jornalista (bagagem cultural, experiências vividas, modos de ver o mundo), as várias versões sobre um mesmo fato e as amarras editoriais dificultam a objetividade plena.

De acordo com Eugênio Bucci (Gomes, 2003), a exigência da imparcialidade imposta ao jornalista configura-se como um problema. Para ele, negar a figura do jornalista como um mediador que dá sentido aos discursos jornalísticos faz com que o jornalismo esteja sempre ligado a um relato positivista, de quem assiste aos fatos pelo lado de fora e apenas traduz para o público. Segundo o autor, ao distanciar-se do fato e nome de uma presumida neutralidade, o jornalista acaba adotando sempre o discurso referencial. Colocam-se assim os comunicadores no papel de observadores distanciados da realidade (Moretzsohn, 2007).

Para alguns autores como (Ramonet, 1999) a neutralidade é vista como mero atributo, já que não há como dissociar o comunicador do mundo externo para que ele possa ser capaz de oferecer uma visão genuinamente objetiva. Perspectiva também defendida por Filho.

O jornalismo não é nem neutro nem objetivo. Essas categorias fazem parte de uma mitologia que foi desenvolvida no Iluminismo, de acreditar que fatos pudessem ser apresentados de forma mais ou menos livres das intervenções e dos interesses humanos. Como em qualquer outra atividade humana, a produção jornalística sofre o filtro e a regulação dos agentes pelos quais passa. (Filho, 1993: 130)

Clarice distancia-se dessa concepção de objetividade assumindo o papel de uma intermediária que interfere na fala de seus entrevistados e procura dar sentido a elas ao estabelecer uma perspectiva dialógica.

Desta forma, a impessoalidade não pode ser associada à atividade de entrevistadora exercida por Clarice, na medida em que a jornalista e suas impressões estão presentes nos diálogos das entrevistas, interferindo, opinando e conduzindo o leitor que tem a chance de observar uma conversa bastante pessoal da escritora com sua fonte.

“Raras vezes consegue ser mais estritamente objetiva, no sentido de simplesmente conduzir perguntas e receber respostas” (Gotlib, 1995: 370). Os laços de amizade que possuía com Érico Veríssimo fazem da subjetividade marca da entrevista que com ele travou.

Érico, sem interromper o assunto, estou me lembrando com saudade de Washington, eu como mulher de diplomata e você trabalhando na OEA. Você se lembra de como eu fazia ninho na vida e na casa de vocês? Que é que você estava escrevendo naquela ocasião? Eu, por exemplo, estava escrevendo A maçã no escuro. Foi um período muito produtivo, no sentido de trabalho e no sentido de uma amizade que se formou entre você, Mafalda e eu. (Gotlib, 1995: 370)

Percebe-se no trecho que ao invés de uma via de mão única em que a entrevista abre a possibilidade de se conhecer o entrevistado, as entrevistas realizadas por Clarice eram uma via de mão dupla, ampliando a conversa para uma oportunidade de se conhecer aquele que se entrevista, mas também aquele que entrevista.

Muitas vezes a jornalista emite uma opinião pessoal ou divide com o entrevistado uma experiência particular sua como ponto de partida ao questionamento que se seguirá, como neste trecho ainda da entrevista com Érico: “Agora que publiquei um livro de história para crianças e outro meu vai sair por esses dias, interesse-me em saber o que você pensa da literatura infantil no nosso país” (Gotlib, 1995: 370).

O expediente mostra ainda a preocupação da jornalista em contextualizar suas perguntas, mostrando que elas não são dadas ao acaso, mas revelam-se como o fio condutor de uma conversa que não ocorre meramente no plano unilateral com a fonte.

A bilateralidade da conversa torna-se evidente quando entrevistador e entrevistado invertem seus papéis. Por meio do clima de pessoalidade que dá o tom à conversa, não são raras às vezes em que a fonte sente-se à vontade para indagar Clarice. Uma das biógrafas da escritora, Nádya Battella Gotlib, oferece um panorama das situações em que os entrevistados trocam de lugar com Clarice durante o bate-papo (Gotlib, 1995: 371).

Como quando Marques Rebêlo lhe pergunta se a literatura lhe trouxe amigos e se Clarice considera-se uma escritora brasileira, apesar de ter nascido na Ucrânia. Pelo mesmo motivo Dinah Silveira de Queirós questiona a escritora sobre como conseguiu amar e conhecer tão bem a língua portuguesa. Já a amiga Tônia Carrero lhe pergunta se a jornalista se considera um ser muito amado.

Quando Chico Buarque pergunta a jornalista se quando ela tem uma ideia para um romance pode reduzi-lo a um conto, vê-se o desconforto de Clarice pelo papel de entrevistada. “Não é bem assim, mas se eu falar mais, a entrevistada fica sendo eu” (Gotlib, 1995: 371).

As perguntas não visam satisfazer apenas o interesse do leitor, mas responder as próprias incógnitas da escritora. Como quando indaga a Clóvis Bornay. “Se eu quisesse me fantasiar no carnaval, que fantasia você me aconselharia a ter?” (Gotlib, 1995: 373).

De forma análoga questiona ao amigo e escritor Fernando Sabino. “Fernando, por que é que você escreve? Eu não sei por que eu escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim” (Lispector, 1999: 39).

As entrevistas se convertem muitas vezes em um local em que a escritora busca respostas, mas não apenas as de seus entrevistados, mas respostas que possam clarear sua própria existência. Tal qual quando questiona a Djanira. “O que é que você queria alcançar, Djanira? Eu também procuro alcançar alguma coisa que não sei o que é. Você sabe o que é?” (Lispector, 1999: 74).

O diálogo pode se tornar cada vez mais intimista de acordo com o entrevistado. É o caso de quando Clarice entrevista Alceu Amoroso Lima, uma das conversas em que a escritora revela suas inquietações.

Dr. Alceu, uma vez eu o procurei porque queria aprender do senhor a viver. Eu não sabia e ainda não sei. O senhor me disse coisas altamente emocionantes, que não quero revelar, e disse que eu o procurasse de novo quando precisasse. Pois estou precisando. E queria também que o senhor esclarecesse sobre o que pretendem de mim os meus livros. (Lispector, 1999: 50)

A preocupação em contextualizar ao leitor o porquê de determinada pergunta é constante no trabalho de Clarice: “Ai, esqueci de dizer uma coisa. Perguntei ao meu entrevistado se era ‘errado’ cair em devaneio e sonhar de dia acordado – fiz essa pergunta porque devaneio muito e fora de hora e pensei que era anômalo” (Gotlib, 1995: 371).

A opinião e o juízo de valor de Clarice sobre certos entrevistados também se fazem presentes durante as entrevistas, de forma até mesmo não muito polida devido ao excesso de sinceridade ao falar de algumas personalidades, como por exemplo, Tereza Souza Campos.

“Tive a curiosidade de entrevistar Tereza Souza Campos porque eu não simpatizava com ela. A ‘mulher mais elegante’ não me interessa. Há problemas mais sérios do que a moda, individuais e não-individuais” (Gotlib, 1995: 372). Ao final faz um *mea culpa* determinista redimindo a entrevistada e imputando a culpa ao meio que a faz assim. O julgamento ao final da entrevista não é, entretanto, mais ameno, quando Clarice pondera: “em situação diferente, poderia ter grande valor”.

Outra de suas biógrafas, Aparecida Maria Nunes conta como Clarice surpreendeu-se ao entrevistar Clóvis Bornay, afirmando que esperava um homem “pernóstico, fútil e

antipático” (Nunes, 2006: 87) e no que tange Marques Rebêlo a jornalista “salienta os cabelos à escovinha e o olhar rápido e malicioso. No entanto, observa que havia algo de novo no rosto dele: mais bondade do que antes” (Nunes, 2006: 88).

Não é sempre que a opinião ácida da jornalista se faz presente. Em outras ocasiões ela registra sua boa impressão do entrevistado, como a atriz de teatro Bibi Ferreira.

Ela foi à minha casa e depois do primeiro cafezinho, estando nós no terraço, Bibi quis mais café e ela própria, com deliciosa naturalidade, atravessou as salas e foi à cozinha. Pode-se imaginar como esse gesto encantou a cozinheira e a mim. Já era uma amiga que eu tinha em casa. (Nunes, 2006: 86)

Não é somente o julgamento clariceano sobre as pessoas que o espaço das entrevistas acolhe. Ele divide espaço também com a vontade de saber a opinião que o próprio entrevistado tem sobre ela. Como quando solicita ao entrevistado Hélio Pelegrino: “Hélio, você é analista e me conhece. Diga – sem elogios – quem sou eu, já que você me disse quem é você. Eu preciso conhecer o homem e a mulher” (Gotlib, 1995: 372).

O procedimento “Diga quem sou eu, já que você me disse quem é você”, impõe uma condição dialógica à dinâmica da entrevista. Diferente do que é a regra no jornalismo, Clarice enquanto jornalista não se apaga para centrar o foco da conversa somente no seu interlocutor. A jornalista se faz marcadamente uma figura presente durante as conversas. É ainda na entrevista com Hélio que é possível extrair um trecho interessante.

- Você quereria ter outras vidas? Era o meu sonho ter várias. Numa eu seria só mãe, em outra vida eu só escreveria, eu outra eu só amava.  
- Sou um homem de muitos amores – isto é, de muitos interesses – e para tão longos amores, tão curta é a vida. Não há ninguém que consiga, no tempo de uma vida, esgotar todas as suas possibilidades. Se me fossem dadas outras e outras vidas, gostaria de ser: a) filósofo profissional; b) romancista; c) marido de Clarice Lispector, a quem me dedicaria com veludosa e insone dedicação; (Lispector, 1999: 56)

As entrevistas clariceanas configuram-se como espaços onde se sabe muito sobre o entrevistado, mas também muito a respeito do entrevistador. Clarice chega a se revelar mais do que quando ela própria é a entrevistada. Tal circunstância talvez possa ser justificada pelo clima descontraído em que ela conversa com seu interlocutor.

O descompromisso de não estar no foco da conversa acaba revelando-se um paradoxo no caso de Clarice, que acaba ocupando um lugar considerável em um contexto em que sua figura deveria assumir um papel secundário. Se nas entrevistas que Clarice concedeu não é sempre possível vislumbrar o universo da escritora, nas entrevistas que realizou e que poderia se reservar ao direito de não falar sobre si, ela inverte a ordem natural do diálogo e se abre. Assim como quando revela a Alceu Amoroso Lima: “O senhor já se sentiu alguma vez em estado de graça? Eu, humildemente, já senti mais de uma vez. Morro de saudade de sentir de novo, mas tanto já me foi dado que não exijo mais” (Lispector, 1999: 49).

É possível tratar os espaços das entrevistas como momentos em que Clarice deixa de lado as reservas que tantas vezes a impediu de ser entrevistada, que tanto tentou cultivar em sua literatura quando afirmava que não escrevia como catarse (Borelli, 1981: 69), nos pseudônimos que empregou na imprensa feminina (Lispector, 2008) e que tanto receio lhe causou quando escreveu crônicas para o *Jornal do Brasil* por sete anos.

Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna, estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre a superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal. (Gotlib, 1995: 374)

O trecho denota como a subjetividade estava intrínseca a produção jornalística clariceana. Subjetividade esta intencional por parte da jornalista, que afirma anos depois a revista *Veja* ao ser entrevistada:

Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança de meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas e respostas. (Nunes, 2006: 85)

O trecho mostra como a própria Clarice sabia que, se durante as entrevistas ela se deixasse conhecer, conseguiria tirar de suas fontes as informações mais reveladoras devido ao clima de reciprocidade. Assim, o entrevistador se posiciona e não apenas se contenta em fazer perguntas. Por mais que Clarice mantivesse uma postura reservada em sua obra literária e na

vida pessoal esquivando-se de dar entrevistas, para bem desempenhar seu papel de entrevistadora ela abre mão de tais reservas, desnudando-se para desnudar o interlocutor.

Em prol de bem realizar o ofício jornalístico, ela aceita até mesmo a tarefa de ser um tanto quanto incisiva em suas perguntas. Exemplo disso se dá quando entrevista o ministro da pasta do Planejamento, Reis Velloso.

Acho que fui ligeiramente agressiva, ele que me desculpe, também eu estava um pouco tensa. Mas logo que começou a entrevista fiquei senhora de mim, embora em geral tema e evite autoridades. Sei lá o que podem fazer comigo. É fogo entrevistar pessoas que têm o poder. (Nunes, 2006: 89-90)

Em outras ocasiões é mais cordial, chegando até mesmo a aconselhar Chico Buarque. “Chico, um conselho para você: fique de vez e quando sozinho, senão você será submergido. Até o amor excessivo dos outros pode submergir uma pessoa” (Lispector, 1999: 68).

### **Diálogos Clariceanos**

Após a estreia no campo das entrevistas na revista *Vamos Ler!*, Clarice trabalha como repórter no jornal *A Noite*. Nesse período escreve matérias e não mais entrevistas. Anos mais tarde ela retorna ao papel de entrevistadora.

Isso se dá em 1968 quando ela ingressa na revista *Manchete*, fundada por Adolpho Bloch. Ali Clarice trabalha entre maio de 1968 a outubro de 1969. A seção chamava-se *Diálogos Impossíveis* e apresentava conversas entre pessoas que exerciam ofícios diferentes entre si. Posteriormente foi renomeada como *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector*. Trabalhou também com entrevistadora na revista *Fatos e Fotos / Gente*, também do grupo Bloch, onde realizou 27 entrevistas de dezembro de 1976 a outubro de 1977.

As entrevistas eram realizadas em sua maioria no próprio apartamento da escritora, no Leme. Em outras ocasiões elas ocorriam em restaurantes ou na casa dos entrevistados. “Quem era essa Clarice-entrevistadora? Era a Clarice, simplesmente, sem convicção do papel essencialmente jornalístico, cuja objetividade e relativa imparcialidade era substituída pelo modo pessoal com que se comportava no diálogo”, (Gotlib, 1995: 369).

Interação é a palavra correta para definir a relação que Clarice estabelecia com suas fontes, distanciando-se da imagem do jornalista como mero receptáculo dos pontos de vista do interlocutor. Em jornalismo, o expediente usual é escolher para falar sobre determinado assunto uma pessoa considerada uma sumidade no tema, para assim destrinchar melhor a questão abordada.

Clarice, entretanto, não tem como foco principal o assunto ao qual a fonte é considerada uma autoridade. Ela almeja ir mais além e ao invés de tecer os questionamentos óbvios que qualquer outro veículo de comunicação dirigiria a pessoa conhecedora de determinada área, ela deixa de lado o aspecto de sumidade da pessoa, coloca como secundária a ocupação da fonte e vai de encontro ao humano, a pessoa por detrás de sua profissão.

É assim quando entrevista o ministro do Planejamento Reis Velloso. Se o político estava preparado para responder as perguntas de praxe, ligadas a seu ramo de atuação, Clarice desloca-o do lugar comum para abordar o que seu entrevistado pensa a respeito de outras questões. Tal enfoque provavelmente não teria espaço em outra publicação, o que mostra ousadia da escritora. Assim ela desarma sua fonte, que provavelmente esperava outro tipo de questionamento.

Senhor ministro: aviso-lhe que sou muito perguntadeira e que não é à sua política que me dirijo. É ao homem que nasceu no Piauí e lançou-se ao mundo com o ímpeto de um berro. Interesse-me pela sua anterior pobreza, se ela existiu. E agora vou começar a ser indiscreta, embora respeitando tanto quanto possível a sua privacidade. É duro entrevistar pessoa que tem o poder: esta entrevista valeu-me uma boa dor de cabeça prévia. Como é que o senhor se sente entrevistado por mim? (Nunes, 2006: 89)

Assim o ministro é desnudado não em função de sua profissão, o que seria comum, mas em função de sua pessoa. Curiosa também é a pergunta final de Clarice, que mostra como a escritora estava consciente de representar uma jornalista atípica, possivelmente pelo fato de já ser uma escritora consagrada e que diante de sua prosa densa, muitos gostariam de vê-la no papel de entrevistada.

Perguntas em que pede ao entrevistado uma avaliação de seu papel como jornalista não são incomuns. O mesmo questionamento é feito ao ator Tarcísio Meira. “O que é que você está achando desse nosso diálogo?” (Lispector, 1999: 116).

Com Jardel Filho, em determinado momento o foco da entrevista passa praticamente a ser a entrevistadora:

- De que maneira seria embaraçosa para você uma pergunta minha?
- Clarice, a admiração que tenho por você é imensa. Respeito você como criatura humana e o nosso relacionamento me traz uma enorme felicidade e ao mesmo tempo me embaraça.
- Por que sou embaraçosa?
- Quando se contempla uma obra de arte, quando se assiste a um espetáculo, quando se ouve música, quando nos transportamos a um sentimento mais amplo de emoção, você se sente embaraçado. Você me causa essa sensação. (Lispector, 1999: 129)

“Não há boa entrevista sem bom entrevistador” (Altman, 2004: s/p). Clarice se revelou entrevistadora peculiar, ainda que muitos relutem em classificá-la como tal devido à personalidade de tais textos e o direcionamento subjetivo com que norteou seu trabalho jornalístico. Esta forma nada objetiva de fazer jornalismo é que diferencia as entrevistas realizadas por Clarice.

Não raro Clarice se dava ao direito de solicitar pequenos favores de seus entrevistados, como o faz com Vinícius de Moraes.

- Quero lhe pedir um favor: faça um poema agora mesmo. Tenho certeza que não será banal. Se você quiser Menestrel, fale o seu poema.
- Meu poema é em duas linhas: você escreve uma palavra em cima e a outra embaixo porque é um verso. É assim:

Clarice  
Lispector

Acho lindo o teu nome, Clarice.  
(Lispector, 1999: 20)

Nesta mesma entrevista, a jornalista faz uma pausa para telefonar para a esposa de Vinícius. A fim de complementar a entrevista, pergunta-lhe como se sente sendo casa com o poeta. A conversa é interrompida ainda pelo comentário de Vinícius. “Tenho tanta ternura pela sua mãe queimada...” (Lispector, 1999: 21).

O poeta referia-se as queimaduras que deformaram a mão de Clarice após um acidente em que a escritora adormeceu com um cigarro aceso e acordou em meio a um incêndio. Na tentativa de salvar seus escritos, Clarice tentou apagar o fogo com as mãos, o que ocasionou sérios danos a sua saúde.

Na atualidade, é comum que alguns jornalistas acabem tendo como último recurso para realizar uma entrevista, que recorrer às perguntas enviadas por e-mail e que são respondidas posteriormente pelo entrevistado. Já naquela época, Clarice não se sentia à vontade com a ideia de deixar as perguntas com sua fonte para tê-las prontamente respondidas depois. Considerava que no calor do diálogo é que novas perguntas tornavam-se pertinentes.

Devido a este fato, mostra-se desapontada com o poeta Pablo Neruda, que se recusa a ser entrevistado por ter acabado de chegar de viagem, mas pede a jornalista para que possa ver as perguntas. Depois de ver os questionamentos, pede a Clarice que retorne no dia seguinte para que a entrevista seja concedida.

Qual não foi a surpresa da jornalista ao retornar e receber em papel escrito as respostas às perguntas que faria. “Tão frustrador receber resposta curta a uma pergunta longa. Conte-lhe sobre a minha timidez em pedir entrevistas, ao que ele respondeu: “Que tolice!” (Lispector, 1999: 29).

A impressão que detém de seu entrevistado não se altera muito conforme lê as respostas um tanto quanto evasivas (Lispector, 1999: 30-31):

“- Diga alguma coisa que me surpreenda.

- 748.

(E eu realmente surpreendi-me, não esperava uma harmonia de números)”.

A personalidade de Clarice Lispector fica visível em algumas entrevistas, como a que realiza com Maria Martins, que comenta:

- Mas, Clarice, você já superou essa fase, você é um monstro sagrado, e não há ninguém no Brasil incapaz de te ver tal como és: luminosa e triste.
- Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa. (Lispector, 1999: 79-80)

Tônia Carrero chega a finalizar a entrevista ao perceber a jornalista diferente.

- Você me parece hoje muito vaga. Que é que você tem, Clarice?
- Não só estou vaga como de inteligência um pouco lenta. É porque não dormi esta noite.
- Que é que você faz quando não dorme?
- Dou a noite por encerrada, esquento café e tomo.

- Eu também tenho muita insônia. Aconselho você a fazer palavras cruzadas e a jogar paciência e a não tomar café durante a insônia, como você faz. (...)
- Você sente falta de mais alguma coisa que eu diga? Gostaria de conversar com você muito mais, mas acho que você está muito cansadinha. Então vamos dar por encerrado esse diálogo que foi para mim muito bom. (Lispector, 1999: 108)

Distanciando-se de pilares clássicos do jornalismo, tais como a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade (sem adentrar o espinhoso campo de discussão sobre até que pontos os preceitos jornalísticos de fato correspondem a estas prerrogativas), Clarice conseguiu chegar à intimidade mais recôndita de seus entrevistados de maneira atípica e subjetiva, fato que marcou sua escrita jornalística não apenas durante sua atuação no âmbito do gênero entrevista, mas também nos textos corridos que fez em diversos veículos da imprensa brasileira e que também se caracterizam pela subjetividade.

Só mesmo Clarice poderia exercer tal subjetividade sem correr o risco de ser vetada de sua função, já que o que vigora no jornalismo em geral é um entrevistador neutro, que faz as perguntas e aguarda as respostas sem interferir na explanação do interlocutor.

Assim como inovou em diversos aspectos de sua literatura e foi pioneira em sua atuação como repórter em um contexto em que poucas mulheres atuavam no mercado de trabalho, Clarice adotou postura de vanguarda no modo como conduziu entrevistas. Partindo do pressuposto dialógico travado com a fonte, Clarice também no jornalismo foi peculiar.

Se por vezes a opinião no jornalismo apareceu de forma velada, Clarice não se esconde por meio de subterfúgios e esboça claramente o uso do expediente subjetivo. Não criou escola possibilitando que outros jornalistas que vieram posteriormente também adotassem o recurso subjetivo, o que reforça o caráter incomum de sua forma de trabalhar. É justamente por ter fugido a regra e dado um aspecto atípico e inovador ao gênero entrevista é que a produção jornalística de Clarice Lispector torna-se passível de discussão acadêmica, ampliando o campo de debate no que se refere aos limites e possibilidades da objetividade jornalística.

LÍVIA PÁDUA NÓBREGA é graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Goiás e em História pela Universidade Federal de Goiás e Mestranda em Comunicação na Linha de Pesquisa Mídia e Cultura na Universidade Federal de Goiás. Email: [jornalistalivia@yahoo.com.br](mailto:jornalistalivia@yahoo.com.br)

GOIAMÉRICO FELÍCIO CARNEIRO DOS SANTOS é Doutor em Letras pela PUC-RJ; Mestre em Estudos da Linguagem pela UFG; integra a Linha de Pesquisa Mídia e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Email: goiamerico@gmail.com

## Referências Bibliográficas

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CASTELLO, José. **Infelicidade Inspiradora**. In: Revista Bravo. Brasil, nº147, Nov/2009, pp. 42-44. São Paulo: Editora Abril.

FILHO, Ciro Marcondes. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2003.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **De corpo inteiro**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

\_\_\_\_\_. **Outros Escritos**. Lícia Manzo e Teresa Montero (orgs.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Correio Feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Só para Mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector Jornalista – Páginas Femininas & Outras Páginas**. São Paulo: SENAC, 2006.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Porto: Campo das Letras, 1999.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.